

AS RELAÇÕES DE PODER NO TRABALHO INFORMAL DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS E OS CIRCUITOS DA ECONOMIA FLUMINENSE¹

THE POWER RELATIONS IN THE INFORMAL WORK OF RECYCLABLE MATERIALS
COLLECTORS AND THE ECONOMIC CIRCLES OF THE STATE OF RIO DE JANEIRO IN BRAZIL

Uilmer Rodrigues Xavier da Cruz

Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha,
Belo Horizonte - MG, CEP 31270-901

E-mail: uilmer@ufmg.br
E-mail: charles.serrat@gmail.com

¹ Palavras iniciais: As relações de poder no trabalho informal dos catadores de materiais recicláveis e os circuitos da economia fluminense. O presente artigo faz parte da pesquisa “a produção social do trabalho na rede de reciclagem no estado do Rio de Janeiro.”, em andamento no curso de Doutorado em Geografia - Programa de Doutorado em Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, na linha de pesquisa – Produção do espaço, ecologia, política, cultura, educação em Geografia.

Resumo

A principal característica do Sistema Capitalista de Produção é a sua constituição social através de classes, baseadas na posse ou na ausência de capital acumulado e propriedade privada. A presente proposta concentra-se em compreender de que modo a organização da Rede de Reciclagem do Estado do Rio de Janeiro (RRERJ) institui a relação entre o trabalho de catadores de materiais recicláveis não-cooperados e outros sujeitos componentes desta rede, no acúmulo de capital e na manutenção da Indústria da Reciclagem. Segundo Corrêa (1997), o conceito de 'rede' pode ser compreendido a partir de 'nós' e 'teias' em que; os 'nós' são materialidades resultantes das relações sociais (e de comunicação) e as teias são linhas de comunicação entre tais nós, estabelecidas de maneira multiescalar e em um período de duração (efêmero ou duradouro).

Palavras-chave: Rede. Indústria da reciclagem. Catadores de materiais recicláveis.

Abstract

The main feature of the capitalist production system is the social organization through the class, depending on whether it has accumulated capital and private property. This proposal focuses on understanding how the Rio de Janeiro State Recycling Network Organization (RRERJ) builds relationships between non-cooperative recycling material collectors and the other entities that make up this network in the accumulation of capital and the maintenance of the recycling industry. According to Corrêa (1997), the concept of "network" can be understood in "node" and "web". 'Node' is the importance that comes from social relations (and communication), and the web is a line of communication between these nodes, established in a multi-step way and over a period of time (temporary or continuous).

Keywords: Network. Recycling industry. Recyclable materials collectors.

1. Introdução

O presente texto busca compreender como a organização da Rede de Reciclagem do Estado do Rio de Janeiro desenvolve as relações de trabalho entre catadores não cooperados e outros sujeitos na Indústria da Reciclagem do Estado do Rio de Janeiro. Para que o objetivo seja cumprido, o questionamento central fora dividido em três subquestões que se inter-relacionam, quais sejam: 1) Como se estabelece a organização da Rede de Reciclagem do Estado do Rio de Janeiro (RRERJ); 2) Como se constituem as relações de trabalho e exploração dos trabalhadores (da catação de materiais recicláveis) não cooperados na RRERJ; 3) Como a Indústria da Reciclagem se conecta ao trabalho de catação realizado através da RRERJ.

Diante do exposto, é possível dialogar com Dias (2000) a respeito do conceito de 'rede'. A autora destaca, a partir de uma relação com Claude Raffestin, que a "rede" se trata de uma categoria dinâmica e inacabada. Para além, afirma que não se define pela totalidade das relações, mas sempre por cada objetivo dessas relações. Nas palavras de Dias (2000): "(...) nunca lidamos com uma rede máxima, definida pela totalidade das relações mais diretas, mas com a rede resultante da manifestação das coações técnicas, econômicas, políticas e sociais." (DIAS, 2000, p. 148).

Em complemento, Corrêa (1997) ressalta que as redes se formam a partir de nós e teias. Para o autor, os 'nós' são materialidades resultantes das relações sociais (e de comunicação) e as teias são linhas de comunicação entre tais nós, estabelecidas de maneira multiescalar e em um período que pode ser efêmero ou de longa duração. Ainda, é preciso afirmar que a conceituação apresentada por Corrêa (1997) é caracterizada pelo sistema capitalista de produção e, por suposto, pelos espaços 'constituídos' segundo esse sistema.

Sendo assim, as ideias dos autores supracitados convergem na noção de que a "rede" é um construto social e dependente das relações e de suas comunicações e encontros, que se relacionam aos seus interesses, através do espaço. O espaço pode ser compreendido (do mesmo modo que a rede) enquanto resultante das relações sociais, porém, é esfera fundamental para a manutenção dessas mesmas relações, conforme também aponta Corrêa (2000). Ou seja, onde há relação entre sujeitos, (e a manifestação de poder), há espaço.

Ao compreender tais conceitos enquanto marcadores presentes e estabelecidos no Sistema Capitalista de Produção, é possível afirmar que tanto a 'rede' quanto o 'espaço' estão intrinsecamente ligados às relações de trabalho que correspondem à lógica capitalista. Desse modo, os espaços compostos pelos sujeitos são instituídos pelas

relações de poder que compreendem o ciclo de exploração e geração de lucro ou, como assinala Harvey (2011), acúmulo de capital constante.

Nesse sentido, a Rede a que nos referimos neste trabalho se constitui a partir do funcionamento do capital relacionado à prática da reciclagem e do reaproveitamento de resíduos sólidos urbanos, onde os sujeitos envolvidos (instituidores) têm suas relações perpassadas pela exploração da força de trabalho e pela concentração desigual de renda, fator que se baseia no baixo valor pago pelo comércio dos materiais catados (sucatas).

Segundo Costa e Chaves (2012), as Redes de Reciclagem se organizam através, principalmente, de quatro sujeitos: Catadores – Compradores – Atravessadores – Empresários. Embora não se possa generalizar a estrutura de uma rede, dadas as especificidades presentes de acordo com as comunicações entre sujeitos nas mais diversas escalas, tal realidade se faz presente na RRERJ, porém, com a soma de outros sujeitos, tais como ONGs, Cooperativas, Estado e Movimentos Sociais.

Com base no fio-condutor deste trabalho, foram aplicados 3084 questionários aos trabalhadores da Rede de Reciclagem do Estado do Rio de Janeiro, a partir de uma estrutura sustentada no modelo do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Do universo dos catadores, 1305 representam mulheres e 1779 homens, sendo 71% negros², e a maioria responsável pelo lar e com baixo grau de escolaridade.

O dado que mais nos interessa no momento trata do universo de trabalhadores cooperados e não cooperados. Para a população total, aproximadamente 80% de pessoas compreendem trabalhadores não cooperados, 19% trabalhadores cooperados e 1% dos questionários retornaram sem resposta para a questão. Justamente nesse fato, nesta pesquisa, nos concentramos em refletir a respeito de trabalhadores não cooperados, por representarem a maioria das/os catadoras/es de materiais recicláveis em relação à totalidade da população da Rede em questão.

Conforme exposto nesta breve introdução, buscamos colaborar com o arcabouço teórico acadêmico científico da Geografia Brasileira, sobretudo no tocante às discussões sobre as dinâmicas de trabalho e comércio no espaço urbano das cidades do Brasil e, nesse caso, do Estado do Rio de Janeiro. Não objetivamos, em nenhum momento, estabelecer essa discussão enquanto marco que finalize as reflexões sobre esse assunto e outros olhares sobre a RRERJ, mas como uma das possibilidades de se problematizar as relações que envolvem a Rede e suas complexidades.

² Para esta pesquisa, são considerados negros aqueles que, por auto declaração, apresentaram-se enquanto pretos e pardos, baseando-se no modelo de IBGE.

Assim, a seção seguinte, 'Discussões', abrange três subseções que, de modo sequencial, referem-se às três questões específicas apresentadas ainda no primeiro parágrafo desta introdução. A primeira seção abordará a Organização da Rede de Reciclagem do Estado do Rio de Janeiro, com a apresentação dos dados iniciais referentes à organização da RRERJ, relacionados ao conceito de Rede (enquanto definição que caminha para além do conceito de 'cadeia').

Já a segunda seção trata de refletir acerca das relações de trabalho e dos trabalhadores não cooperados da Rede em questão, em consonância com as discussões sobre poder e precarização de trabalho, constituídas a partir da escala do Sistema Capitalista de Produção. Finalmente, a última subseção corresponde a um panorama geral e analítico da Indústria de Reciclagem diretamente relacionada à RRERJ, com o mapeamento dos materiais coletados pela região compreendida pela Rede, bem como com a interseção dos dados apresentados nas duas subseções anteriores.

2. Discussões

Conforme já apontado na Introdução, a presente seção visa responder em conjunto ao questionamento central apresentado (e, por suposto, às questões específicas), sendo assim, dividida em três subseções que buscam a compreensão do espaço e da rede como resultantes das relações sociais e, por sua vez, enquanto dinâmicos e mutáveis, se estabelecendo, então, como questões abertas e não acabadas.

Assim, além de objetivar responder ao questionamento produzido a partir do fenômeno, também buscamos colaborar com o escopo teórico acadêmico científico geográfico brasileiro, através de um dos possíveis olhares acerca da produção do espaço urbano nas relações de trabalho, acúmulo de capital e exploração de força de trabalho/valor de mercadoria.

É importante destacar que, dado o formato deste texto quanto à limitação de caracteres, optaremos por abordar apenas uma das nuances presentes na RRERJ. Uma consideração parcial das particularidades presentes nesta escala, sobretudo no tocante às/aos catadoras/es de materiais recicláveis e suas importâncias enquanto pilares fundamentais para a existência e manutenção dessa Rede.

2.1. Organização da Rede de Reciclagem do Estado do Rio de Janeiro (RRERJ)

Uma compreensão plausível sobre o conceito de rede perpassa pela noção de que, assim como o espaço, é um construto social resultante de materialidades e simbolismos.

Para Dias (2000), a rede se estabelece enquanto um conceito mutável e dependente das relações sociais, nunca analisada em uma totalidade, mas conforme os interesses dos sujeitos e suas comunicações.

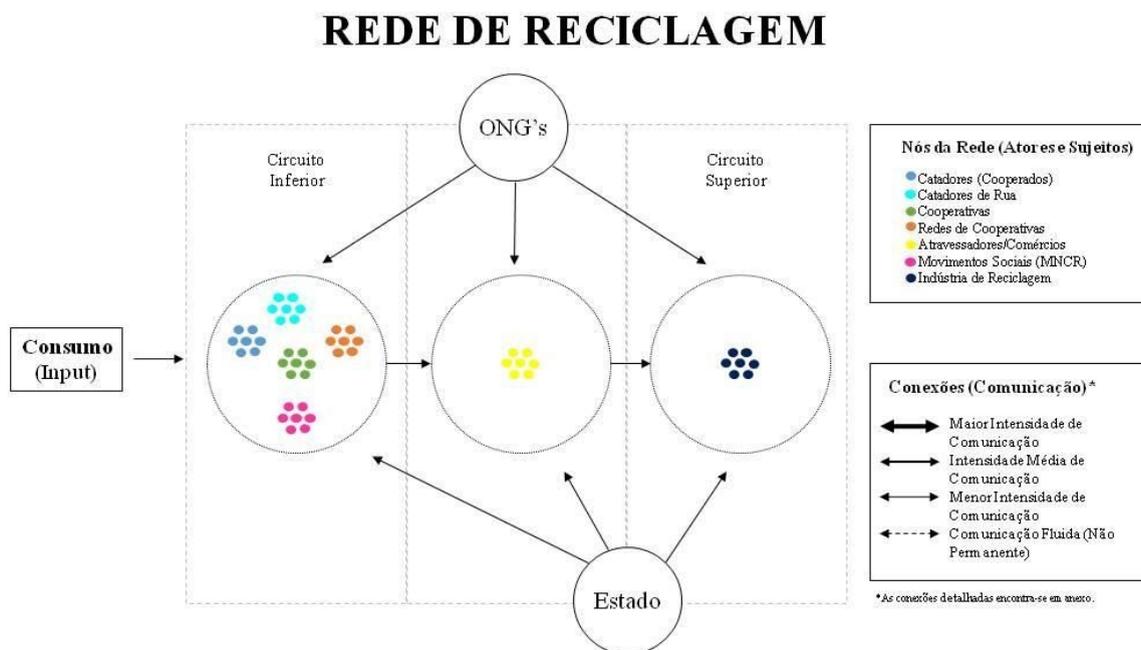
Nessa perspectiva, as redes correspondem à recortes espaciais (pois todas as relações sociais são instituídas espacialmente) intrínsecos à organização das cidades, desde o Mundo Mediterrâneo e a Baixa Idade Média, conforme argumenta Corrêa (1997). No entanto, não necessariamente correspondem à macroescalas ou microescalas, mas se alteram conforme vão sendo formadas as relações nas mais diversas configurações escalares.

Corrêa (1997) ainda afirma que, com o advento do capitalismo e, por sua vez, a consolidação industrial, as redes se estabelecem enquanto multiescalares/inter-escalares, de acordo com as necessidades de provimento e manutenção do ciclo de acumulação de capital. Essa condição é atravessada pela maior velocidade de troca (comunicação) entre sujeitos, pelo deslocamento das informações e pelo encontro dessas informações através de uma materialidade (nó).

Para além, Castells (1999) destaca também que, com as mudanças do Sistema Capitalista e de seu funcionamento - em relação à globalização e à descentralização do capital, na busca por ampliação do lucro em detrimento da maior exploração de força de trabalho em países de capitalismo periférico (mão-de-obra mais barata), e com os adventos técnico-informacionais pós década de 70 - as redes se organizam intrinsecamente aos meios de informação, construindo redes informacionais (de comunicação), onde as relações se estabelecem muito mais efêmeras e, muitas vezes, em escalas diferentes, simultaneamente.

Esse modo de compreender o conceito e que nos permite um olhar direcionado às configurações atuais do Capitalismo, pode se relacionar à compreensão de Henderson et. al. (2011) acerca da 'rede' enquanto possibilidade alternativa de abordagem da 'cadeia produtiva'. Os autores afirmam que há um equívoco em se pensar sobre o ciclo de produção e a indústria capitalista a partir do conceito de 'cadeia', pois o conceito privilegia uma análise das relações sociais (e de trabalho) a partir de uma perspectiva vertical e linear, limitando a análise do complexo, já que essas relações ocorrem das mais diversas formas e nos diversos recortes espaço-escalares, sendo então melhor representadas a partir de uma 'rede'.

Nesse ponto, é possível dialogar com Law (1999), que afirma que uma rede se constitui através de relações de poder heterônomo (desigual)³, tal como se estabelece a Rede de Reciclagem do Estado do Rio de Janeiro (RRERJ). Essa afirmação pode ser sustentada a partir do infográfico abaixo, que é a representação da Rede objetivo desta reflexão:



Infográfico 1. Rede de Reciclagem do Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: Questionários aplicados pelo autor no projeto CRS - PANGEA - FGV e atualizado via Programa de Computador - CATAsig.

Fonte: Elaboração própria, 2018.

Org.: Elaboração própria, 2018.

A imagem representada acima destaca, de maneira didática, o modo como se estabelecem a organização e as relações entre os sujeitos que compõem a RRERJ. Conforme legenda, a Rede é composta por nove sujeitos principais: catadores (cooperados), catadores de rua (não cooperados), cooperativas, redes de cooperativas, atravessadores/comércios, estado, ONGs, movimentos sociais e indústria da reciclagem.

Por sua vez, a intensidade de comunicação entre esses sujeitos está representada pela espessura dos traços (que ilustram as trocas de informação), em quatro diferentes estágios, inversamente proporcionais: maior intensidade de comunicação, intensidade média de comunicação, menor intensidade de comunicação e comunicação fluida (não permanente).

³ Iremos melhor abordar, na subseção 2.2, acerca do conceito de poder e as relações entre os sujeitos que compõem a RRERJ.

Nesse sentido, de acordo com o questionamento central deste trabalho, os sujeitos em foco são os catadores de rua (trabalhadores não cooperados), que representam a maioria dos sujeitos componentes dessa rede e, por sua vez, a base fundamental para a manutenção da mesma, pois são responsáveis pelo maior número de material coletado e negociado, razão pela qual a RRERJ se mantém⁴.

Os trabalhadores não cooperados constituem 3 teias de comunicação com outros sujeitos, com diferentes intensidades: movimentos sociais (Movimento Nacional de Catadores de Recicláveis), cooperativas e atravessadores/comércio. As duas primeiras teias de comunicação observadas se constituem enquanto ligações de menor intensidade (movimentos sociais e cooperativas).

É válido destacar que estas ligações ocorrem de maneira a corresponder aos interesses desses sujeitos e, embora não sejam ligações de média ou maior intensidade, representam relações que se mantêm baseadas nos interesses desses sujeitos. Se observarmos, a exemplo, a relação dos cooperados com as cooperativas, fica perceptível que a relação dessas, em comparação aos sujeitos foco deste artigo, mantêm-se enquanto mais intensas e significativas.

A enfraquecida relação dos trabalhadores não cooperados (catadores de rua) com as cooperativas, colabora para a intensificação de desigualdade na negociação dos catadores com os atravessadores/comércios, na venda do material coletado. Silva (2017) argumenta que as cooperativas têm o papel de trazer à luz as necessidades e questões referentes aos catadores de resíduos sólidos urbanos.

Essa dinâmica interfere diretamente nas relações de trabalho que envolvem os circuitos superior e inferior dessa indústria, através do desenvolvimento de políticas públicas que levem em conta a não precarização do trabalho e, somando a essa discussão, a superexploração destes trabalhadores com base no valor de compra e venda da sucata.

Neste sentido, quando voltamos nossos olhares para a relação de maior intensidade presente na RRERJ, no tocante às/aos catadoras/es não cooperados, é perceptível a forte relação entre esses trabalhadores e os atravessadores/comércio. O modo como se estabelece essa negociação e, por sua vez, a manutenção da Rede e da Indústria da Reciclagem, é permeado justamente pela ausência de representatividade de cooperativas em prol da valorização (financeira) do trabalho dos catadores, sendo um importante fator na

⁴ Válido afirmar que cada sujeito que constitui a RRERJ constitui especificidades próprias e uma esfera de importância. A razão pela qual não abordaremos a respeito destes outros sujeitos está baseada na justificativa já apresentada na introdução desta reflexão, a respeito de 80% dos questionados (que são base da Rede) são trabalhadores de rua – não cooperados.

geração de lucro baseada no trabalho não pago, já que os atravessadores/comércio possuem uma importante e intensa relação com a Indústria.

Com a discussão a respeito do conceito de rede e a interface com o infográfico 1, expomos nesta subseção o modo como a organização da RRERJ corresponde diretamente à manutenção da Indústria da reciclagem, baseando-se na relação desigual (de poder) entre os sujeitos foco desta pesquisa (catadoras/es não cooperados) e suas práticas de negociação do material coletado, com sua força de trabalho para os outros sujeitos que compõem a Rede.

Destarte, a próxima subseção tratará de discutir a respeito das relações de trabalho entre esses sujeitos e outros, além do modo como a heteronomia de poder (FOUCAULT, 1995) pode ser fator de subserviência e precariedade nas condições de trabalho, junto à superexploração e à geração de lucro para os sujeitos centrais da Rede (detentores do capital).

2.2. As Relações de Poder (Trabalho) entre as/os Catadoras/es de Materiais Recicláveis não-cooperados e outros sujeitos componentes da RRERJ

Para que se possa abordar as questões sobre relações de trabalho entre os trabalhadores não-cooperados e os outros sujeitos que compõem a RRERJ, conforme exposto no infográfico 1, é necessário que estabeleçamos, inicialmente, uma compreensão acerca do conceito de poder, partindo do pressuposto de que todas as relações sociais passam por ele.

Foucault (1995) argumenta que o conceito de poder se define por um determinado conjunto de práticas e ações que se correspondem entre si, e que emanam de diferentes polos para diferentes direções. Além daquilo que está 'enraizado socialmente' sobre o poder, enquanto 'ação de um sobre outro ou outrem', com uma força unilateral, o autor compreende o conceito como um conjunto de forças que ocorrem na interface do exercício do poder e da resistência a esse poder, formando, então, uma relação.

Ainda, é compreensível que uma rede de reciclagem, como trata Rosado (2009), seja desenvolvida por relações de poder que partem de diferentes atores que participam da lógica da produção e reciclagem de lixo ou, em outros termos, de resíduos sólidos urbanos.

É possível afirmar que a Rede de Reciclagem - que consiste nas relações sociais intrínsecas ao fato de que para a existência dessa rede e das relações é necessária a existência de uma ou mais escalas espaciais - é composta por relações de poder que estratificam os sujeitos conforme seus papéis e, em decorrência dessas relações, os sujeitos acabam assumindo posturas políticas centrais ou marginais na RRERJ.

Os sujeitos foco desta pesquisa, catadoras/es de materiais recicláveis, compõem a base da Indústria de Reciclagem quando, para a existência dessa, são necessários o fornecimento e a negociação das sucatas coletadas por esses sujeitos. No entanto, embora exerçam um importante papel no funcionamento da Indústria e, por sua vez, na produção de lucro e manutenção do ciclo do capital, os trabalhadores da catação/reciclagem ocupam posições marginais, sobretudo em referência à valorização de suas forças de trabalho (escassa) e às condições precárias para a realização do labor.

Sendo assim, as relações diretas estabelecidas entre as/os catadoras/es de materiais recicláveis não-cooperados ('catadores de rua') na rede, ocorrem em menor intensidade com os movimentos sociais e cooperativas, e em maior intensidade com atravessadores/comércio, sendo, nesse caso, a principal relação entre sujeitos e, por essa razão, é tratada aqui.

Rosado (2009) colabora, nesse sentido, na compreensão de que as posições de mediado e mediador na Rede de Reciclagem - posições sendo ocupadas, respectivamente, pelas/os catadoras/es e atravessadores/comércio - depende justamente da condição social na qual os sujeitos se inserem, como demonstra a autora através do seguinte trecho:

Não podemos partir do pressuposto que todos os agentes envolvidos (mediadores e mediados) possuem a mesma condição de entendimento, pois o mediador assume esse papel, justamente, pela dificuldade do mediado em relacionar-se com outros jogos de linguagem, ou seja, o mediador somente tem razão de existir na relação se for para cumprir este papel. (...) É mais interessante para o grupo social que o mediador atribua validade ao seu discurso (em diferentes meios) e que procure traduzi-lo no discurso do outro. Assim, na prática mediadora, pode-se perceber uma "violência simbólica" pela subjugação da cultura, do entendimento acerca do mundo, do próprio mediado. (ROSADO, 2009. P. 110)

A posição da autora supracitada assume que haverá, em uma Rede de Reciclagem, papéis entre os atores mediante a posição social que os mesmos ocupam. Trocando em miúdos, as/os catadoras/es de material reciclável, sobretudo os não-cooperados, por exemplo, traçam suas vivências na condição de sujeitos mediados por atravessadores/agentes, na ausência de cooperativas ou galpões de reciclagem de resíduos sólidos urbanos.

Assim, a relação entre as/os catadoras/es de materiais recicláveis e outros sujeitos que compõem a RRERJ - sobretudo os que mediam suas negociações com os proprietários do meio de produção e que, por sua vez, são parte responsável pela não valorização da mão de obra desses trabalhadores, bem como, pela intensificação de suas condições de trabalho precarizadas - acaba por ser parte correspondente e preponderante da Indústria de Reciclagem.

Sobre esse assunto, Silva (2017) afirma que o catador, embora não tenha controle total sobre sua força de trabalho – que se relaciona ao valor de mercado que se dá sobre a mesma - é um importante ator na intensificação do fluxo do circuito superior⁵ da indústria da reciclagem. A exploração da força de trabalho relacionada à catação de lixo não é significada pela qualidade, mas pela quantidade de material reciclável.

O referido autor acrescenta ainda, que essa ‘objetificação’ do trabalho impressa pelas relações desiguais que compõem os circuitos inferior e superior dessa indústria, significa uma ‘não racionalidade’ do catador, transmitindo um imaginário de que ele não é um componente importante da Rede de Reciclagem, possibilitando, assim, a marginalização desse sujeito e facilitando a exploração, o que, por sua vez, oportuniza a maximização do lucro para o circuito superior.

O destaque de Silva (2017) leva a considerar que a precarização e a marginalização do trabalhador, base da pirâmide da reciclagem, ou, em outras palavras, o nó central dos fluxos da Rede de Reciclagem, estão diretamente ligadas não somente à precarização de trabalho resultante do modo capitalista – e à massificação de um exército industrial de reserva - mas também ocorrem através de uma dupla precarização.

Ainda abordando esse sistema, o autor, além de levar em conta esse tipo de precarização, considera também a fragilização da própria força de trabalho: na exceção de leis trabalhistas; e na criação de um imaginário que exclui, aos olhos dos catadores de lixo, a importância de sua força de trabalho na cadeia produtiva. Então, em decorrência desta dupla precarização, os trabalhadores envolvidos no circuito inferior da indústria da reciclagem acabam representando, de maneira direta, a lógica do capitalismo, ou seja, a manutenção do lucro para a manutenção de um capital permanente (HARVEY, 2011) e, desse modo, a concentração de renda desigual, que se inicia pelos atravessadores/comércio (sucateiros) e se intensifica ainda mais quando direcionada aos empresários (proprietários dos meios de produção).

Por outro lado, dialogando com Harvey (2011), Silva (2017) argumenta sobre a importância das cooperativas na vida dos trabalhadores da coleta de materiais recicláveis, sendo fundamentais na ‘formação política’/empoderamento desses trabalhadores, na alteração da imagem dos mesmos sobre a importância de seus trabalhos e, por sua vez, na necessidade de valorização da mão de obra e de formação continuada.

Além disso, influenciam também na alteração do quadro de precariedade de trabalho: a lógica reversa pode ser aplicada aos trabalhadores não-cooperados (de rua),

⁵ Os conceitos de ‘circuito superior’ e ‘circuito inferior’ da economia serão melhor abordados na próxima subseção com base em Santos (2008).

que, pela ausência da representação de cooperativas, sofrem intensificação da marginalização e precarização de suas condições de trabalho, bem como, superexploração por parte dos atravessadores, em razão dos baixos valores pagos para a sucata coletada.

Freitas (2010) colabora quando discute a respeito da relação entre a 'não conscientização' do valor do trabalho (por parte dos trabalhadores explorados) e a intensificação da exploração (por parte do capitalista [explorador]) que, como argumentamos até o momento, faz-se presente na realidade de trabalhadores não-cooperados.

A partir disso, podemos relacionar a discussão do autor sobre os trabalhadores da catação ao conceito marxista de 'lumpemproletariado' que, em outras palavras, seria o trabalhador que, através da não compreensão da importância de sua força de trabalho – alienação do modo de produção capitalista - é mais facilmente explorado. Corresponde à não racionalização do sujeito em detrimento do trabalho mecanicista e retroalimentador do sistema capitalista, e de sua lógica de produção de lucro que, por sua vez, é traduzida em acumulação de capital permanente.

A existência de categoria de trabalhadores nessas condições está diretamente ligada à existência de um sistema capitalista mantido por um exército industrial de reserva, ao aumento da pobreza e, àquilo que é simultâneo a esse sistema e que destacamos, com base em Harvey (2011), como acúmulo de capital permanente: o desenvolvimento desigual.

Assim, cabe dizer que o grupo dos catadores de material reciclável corresponde ao lumpemproletariado, uma vez que, embora seu trabalho possua grande importância, principalmente em relação às ações de preservação ao meio ambiente, não existe consciência dessa relevância, sendo a precarização desse trabalho atravessada pela ausência de políticas públicas.

Há, além disso, um discurso 'ecologista' que leva instituições a 'pular' o/a catador(a) de material reciclável, sobretudo aqueles não-cooperados, entregando o material diretamente a atravessadores ou a empresários que compõem a cadeia de reciclagem, a custo relativamente baixo em relação ao valor de mercadoria dos materiais catados. Os sujeitos necessitam, assim, trabalhar mais horas para acúmulo de maior quantidade de material, já que, como apontado anteriormente, a valorização (monetária) do trabalho desses sujeitos não se dá pela qualidade do material, mas pela quantidade.

As noções acerca do conceito de poder e o modo como se faz intrínseco às relações sociais e, não obstante, de trabalho, somadas ao demonstrativo sobre a desigual distribuição de renda - relativa à não valorização e à superexploração de trabalhadores da catação de materiais recicláveis, base da RRERJ - colaboram para a compreensão de que

os trabalhadores não-cooperados possuem suas vivências perpassadas pela marginalidade na Indústria de Reciclagem.

Essa condição de marginais pode ser compreendida sob a ótica de Santos (2008) acerca dos circuitos superior e inferior da economia capitalista. Desse modo, a próxima (e última) subseção deste texto tratará de abordar a composição desse setor, segundo tais circuitos, sua lógica de manutenção e a reafirmação da importância desses sujeitos na cadeia produtiva a partir de sua posição na Rede de Reciclagem.

2.3. Indústria da Reciclagem e os circuitos da Economia

Na subseção anterior tratamos brevemente a respeito dos chamados Circuitos da Economia Capitalista, de modo a afirmar que os catadores de materiais recicláveis e, nesse caso, aqueles que correspondem ao grupo de trabalhadores de rua, os não-cooperados, compõem esse circuito.

Sendo assim, nesta seção abordaremos de maneira mais incisiva a respeito desse conceito e, para tanto, é necessário estabelecer diálogo com Santos (2008). O autor propõe uma análise da sociedade capitalista em países periféricos, baseada em dois circuitos de economia, segundo a compreensão do espaço, que se aproxima ao que preconiza Corrêa (2000), anteriormente citado. Esses circuitos estão pautados na lógica de produção capitalista, onde os sujeitos, suas práticas e ações cotidianas estão diretamente atrelados à retroalimentação desse sistema.

O circuito superior da economia é caracterizado pela lógica direta do capital tangente ao beneficiamento de determinada camada social e o circuito inferior é caracterizado por sujeitos que, em outros termos, são considerados marginalizados no sistema capitalista de produção, necessitando de estratégias para transpor as barreiras sociais impostas pelos atores do primeiro circuito.

Ora, se a RRERJ se constrói a partir da necessidade do capitalismo em obter matéria-prima, para a maximização do lucro da indústria da reciclagem, não obstante, para a acumulação de capital constante (HARVEY, 2011), e da necessidade dos trabalhadores excluídos – do circuito inferior (SANTOS, 2008) - se constitui justamente a partir de um espaço que se constrói a partir da posição dos agentes.

A necessidade dos sujeitos que pertencem ao circuito inferior (nesse caso, os catadores de materiais recicláveis não-cooperados) provém da condição de marginais e excluídos do setor de trabalho formal. Assim, tal necessidade é paradoxal, pois é imposta aos trabalhadores através de uma liberdade constrangida, ou seja, uma escolha realizada

pelos mesmos em vista das condições proporcionadas em uma sociedade majoritariamente classista e atrelada ao poder que advém da obtenção de capital monetário.

Nesse sentido, a indústria da reciclagem tem, enquanto base, a rede de reciclagem e, indiretamente, por ser composta a partir desta rede, os catadores de materiais recicláveis que não são cooperados (maioria), e, intrínseca a tal condição, superexplorados, exercem importante papel na manutenção dessa indústria. Em outras palavras, o exemplo recortado para esta reflexão corrobora com a noção de que os trabalhadores em questão formam o circuito inferior da economia e, por isso, são responsáveis (mesmo que paradoxalmente) pela alimentação do circuito superior, compreendido a partir da indústria da reciclagem e pela formalidade da economia.

Dagnino e Dagnino (2010), a partir da compreensão de que a indústria da reciclagem é constituída a partir de diferentes sujeitos, afirma que a esse recorte ilustra a composição de duas escalas dos circuitos da economia capitalista, baseando-se em Santos (2008). Para o autor, os agentes com maior capital financeiro, ou seja, aqueles que assumem uma posição de compradores (que o autor denomina de 'intermediários) e empresários (indústria), compõem o circuito superior da economia capitalista. Respectivamente, são os últimos que assumem posições de marginais e centrais dentro do circuito superior.

Em outras palavras, os empresários, componentes de indústrias responsáveis pela reciclagem dos materiais, compõem o circuito superior da economia, centralizados pela condição de posse de capital financeiro - relacionada às hierarquias de poder presentes no sistema capitalista - acompanhados dos compradores e intermediários da indústria/rede de reciclagem, que se estabelecem na marginalidade do circuito superior, tencionando a fronteira dos circuitos superior e inferior, e exercendo o papel de possibilitar o acesso aos materiais recicláveis fornecidos pelos atravessadores (muitas vezes cooperativas).

Com base na compreensão de que os catadores de materiais recicláveis de rua (não-cooperados) correspondem aos principais sujeitos da RRERJ e, por sua vez, da indústria da reciclagem, conforme ressaltamos até o momento, o gráfico abaixo ilustra os principais materiais coletados e o número de indústrias responsáveis pela reciclagem desses resíduos sólidos:

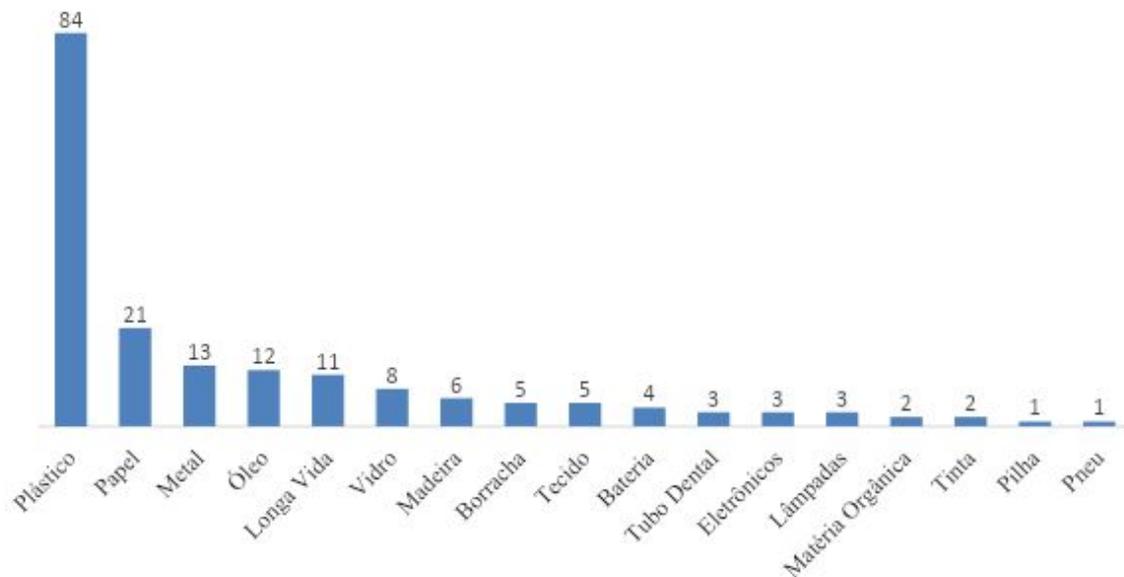


Gráfico 1. Relação entre Materiais Coletados e o número de Indústrias de Reciclagem no Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: Elaboração própria, 2020.

Org.: Elaboração própria, 2020.

O gráfico demonstra que os três principais materiais coletados e, por sua vez, reciclados, são, do maior para o menor, respectivamente: o plástico, o papel e o alumínio. O cartograma abaixo ilustra os pontos de coleta em relação ao tipo de material coletado:

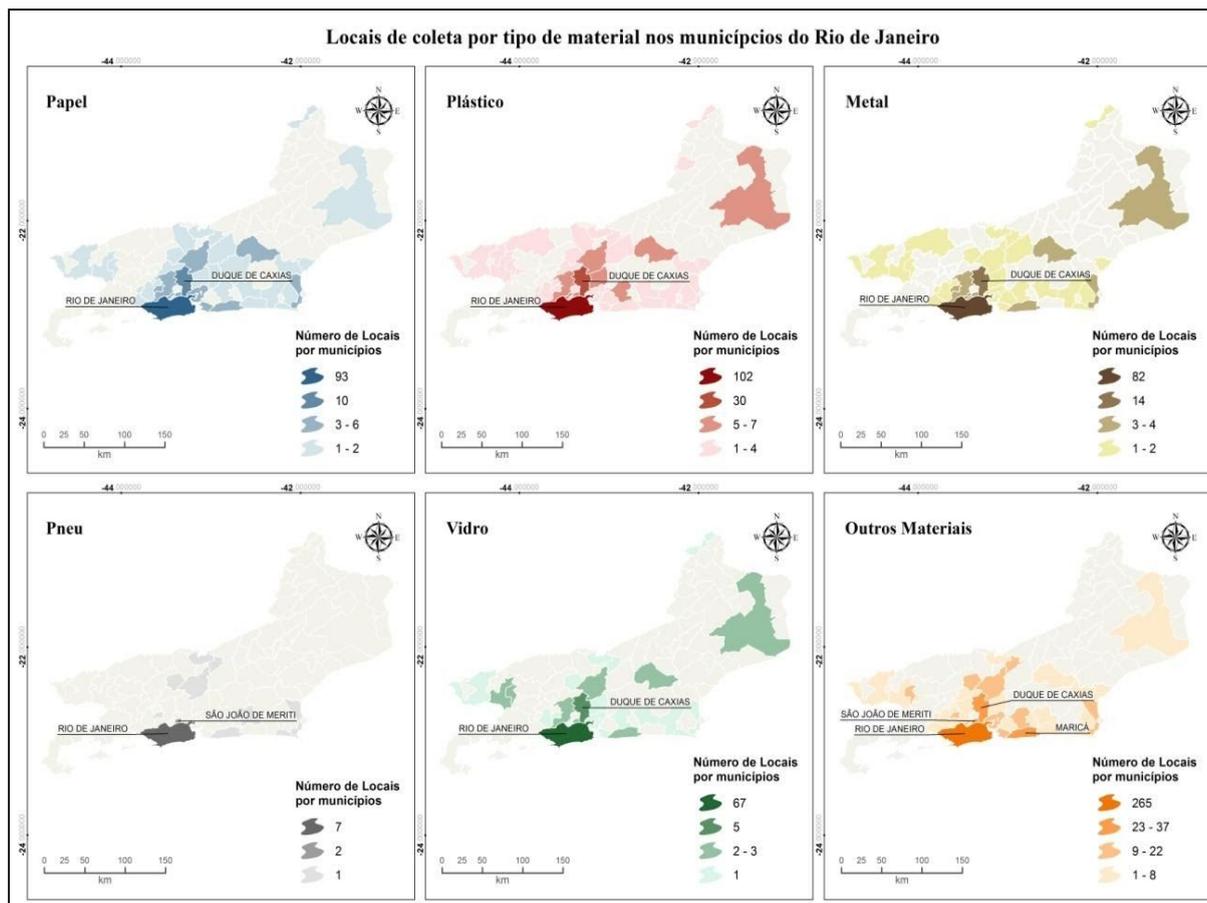


Imagem 1. Cartogramas de pontos de coleta em relação ao tipo de material coletado.

Fonte: Levantamento realizado pelo autor, (2020)

Org.: Elaborado pelo autor, (2020)

A partir do cartograma e do gráfico, é possível relacionar o funcionamento da indústria de reciclagem e o número de locais de coleta por municípios do Estado do Rio de Janeiro, para compreendermos o importante papel dos catadores por material coletado, ligado à quantidade de resíduos sólidos urbanos descartados e que possibilitam a reciclagem e o reaproveitamento.

Além disso, ao relacionarmos os dados apresentados e os conceitos de Circuito Inferior e Superior da economia, à noção de que os trabalhadores não-cooperados compõem o circuito inferior, atrelados à indústria da reciclagem, podemos afirmar que o labor desses sujeitos é, em suma, o que mantém a indústria de reciclagem.

Fato é que, após observarmos os dados apresentados nesta subseção e, então, voltarmos aos dados da rede apresentados na subseção 1, bem como à introdução deste artigo, podemos caminhar para a conclusão desta seção, segundo seu objetivo. A relação entre os conceitos apresentados durante a construção do texto, de rede e poder, e os sujeitos componentes da RRERJ, sobretudo os catadores de materiais recicláveis não-cooperados, que são maioria nesse setor, ajuda na compreensão da força motriz da

indústria de reciclagem no Estado do Rio de Janeiro. Além disso, colabora para esse entendimento o fato de que essa força é intrínseca à exploração desses sujeitos, na precarização de suas condições de trabalho e na manutenção da acumulação de capital permanente por parte dos atravessadores e empresários.

Destarte, convém ainda o destaque de que a construção deste texto não aponta para a vexação da indústria da reciclagem enquanto importante ator na economia, porém, se faz necessário repensar sobre seu funcionamento e manutenção, em uma proposta de distribuição de renda e valorização profissional dos sujeitos que a compõem. Começando, sobretudo, por sua base, e caminhando ao sentido contrário de um desenvolvimento desigual que, por sua vez, traduz-se na configuração de um capitalismo significado pela concentração de renda de uma classe, em detrimento da miséria de outra, ou seja, pelo enriquecimento baseado na exploração do circuito superior da economia sobre o circuito inferior e os sujeitos que o compõem.

3. Conclusões

A proposta desta reflexão baseou-se no questionamento de como a RRERJ, em sua organização, constitui as relações entre catadores de materiais recicláveis não-cooperados e outros sujeitos componentes da Rede. Segundo o que se estabeleceu estruturalmente, a partir das três questões específicas que, por correspondência, buscaram responder ao questionamento central (apresentadas na Introdução do artigo), concentramo-nos em uma discussão permeada pela compreensão acerca dos conceitos de rede, poder e os circuitos da economia capitalista, enquanto responsáveis pela compreensão do fenômeno em questão.

A primeira subseção da seção 'Discussões' buscou pontuar e elucidar o conceito de Rede, que aqui compreendemos, em diálogo com outros autores, como uma construção social que ocorre por meio das relações e seus objetivos, distribuída através de teias e nós, onde as teias representam as comunicações (fluxos) entre os sujeitos e os nós as materialidades das relações, pontos de encontro dos interesses desses mesmos sujeitos.

A partir da compreensão do conceito e de seu avanço em relação à noção de 'cadeia', propondo uma análise do complexo, de maneira a considerar as relações sociais horizontais, muito embora haja centralidades e marginalidades nas relações de uma rede, evidenciamos o modo como se organiza a Rede de Reciclagem do Estado do Rio de Janeiro, a fim de destacarmos quais são os sujeitos que a compõem e quais são aqueles que constituem essa pesquisa em maior número, segundo os questionários aplicados: os catadores de materiais recicláveis não-cooperados (catadores de rua).

Logo após, nos concentramos em explicar acerca do conceito de “poder”, mesmo que de maneira breve, pois a compreensão do conceito, a partir de Foucault (1995), caminha para uma noção do poder enquanto relação de diferentes polos para diferentes direções e tal relação destaca os sujeitos conforme seus papéis e características, marginalizando-os ou centralizando-os.

A condição de não possuir de capital, no atual sistema econômico, coloca-se como característica importante na composição dos sujeitos centrais deste artigo. Assim, a marginalidade das/os catadoras/es de materiais recicláveis não-cooperados é simultânea à composição desses no circuito inferior da economia, alimentando, assim, a lógica do sistema capitalista, na manutenção de acúmulo de capital permanente correspondente ao circuito superior, composto por empresários e atravessadores.

Nesse sentido, o que apresentamos na terceira seção buscou sintetizar os conceitos dos circuitos da economia, presente em Santos (2008), compreendendo o importante papel das/os catadoras/es na rede de reciclagem, da coleta e fornecimento de material coletado, para posterior reciclagem.

Tal prática laboral, perpassada pela condição de lumpemproletariado (conceito argumentado ainda na subseção dois), é fundamental na manutenção da indústria de reciclagem, e também engloba a superexploração desses sujeitos, a precarização do trabalho e, por sua vez, a ausência de capital, alimentada pelo acúmulo dos que compõem o circuito superior.

Em suma, buscamos, com esta reflexão, estabelecer uma análise acerca do trabalho realizado pelos sujeitos que compõem a maioria quantitativa da RRERJ e que, por sua vez, são fundamentais para a existência desta rede, como também para a manutenção e acúmulo de capital da indústria da reciclagem: as/os catadoras/es de materiais recicláveis não-cooperados.

Afirmamos que esta proposta não busca esgotar as discussões acerca da temática e de outras que possam ramificar sobre este assunto. Porém, procuramos apresentar uma possibilidade de reflexão acerca do acúmulo de capital e o desenvolvimento desigual de um dos setores da economia brasileira, em detrimento da superexploração e da precarização das condições de trabalho e vivência cotidiana dos sujeitos que compõem o circuito inferior da economia. Enfim, buscamos, com este artigo, colaborar para o enriquecimento do quadro teórico específico das temáticas sobre reciclagem e economia, quando tangentes às discussões presentes no escopo acadêmico-científico da Geografia Brasileira.

Agradecimentos

À FAPEMIG pela concessão de bolsa de pesquisa.

Referências

CASTELLS, Manuel. Prólogo: A Rede do Ser. In: CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 39 – 66.

CORRÊA, Roberto Lobato. Dimensões de Análise das Redes Geográficas. In: CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. 3 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 107 – 118.

_____. Espaço, um conceito-chave da Geografia. In: **Geografia: Conceitos e Temas**. CASTRO, Iná Elias de. et. al. (Org.).2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 356 p.

COSTA, Wesley Borges da; CHAVES, Manoel Rodrigues. **Informalidade e Precarização do Trabalho de Catação de Materiais Recicláveis no Brasil: Pontos para debate**. In: XII Jornada do Trabalho – “A irreformabilidade do capital e os conflitos territoriais no limiar do século XXI. Os novos desafios da Geografia do Trabalho”. Presidente Prudente: UNESP, 2012. 12 p.

DAGNINO, Ricardo de Sampaio; DAGNINO, Rodrigo Peixoto. **Políticas para Inclusão Social dos Catadores de Materiais Recicláveis**. Revista Pegada, Especial, 2010. p. 65 – 93.

DIAS, Leila Christina. Redes: Emergência e Organização. In: **Geografia: Conceitos e Temas**. CASTRO, Iná Elias de. et. al. (Org.).2 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2000. 356 p.

FOUCAULT, Michel. Sujeito e Poder. In: DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Universitária, 1995. p. 231 – 249.

FREITAS, Cesar Augustus L. L. de. **A Reciclagem e sua Dinâmica Reprodutora de uma Situação de Lumpemproletariado**. Goiânia, 2010. 248 f. (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-Graduação em Geografia. UFG, Goiânia – GO, 2010.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2011. 235 p.

HENDERSON, Jeffrey. et. al. **Redes de Produção Globais e a Análise do Desenvolvimento Econômico**. Revista Pós Ciências Sociais, v. 8, n. 15, 2011. p. 143 – 170.

LAW, John. After ANT: Complexity, namingandtypology. In: LAW, John; HASSARD, John. (Ed.) **Actor-network theoryandafter**. Oxford: Blackwell, 1999. p. 1 – 14.

ROSADO, Rosa Maris. **Na Esteira do Galpão: Catando leituras no território cotidiano da reciclagem do lixo de Porto Alegre/RS**. Porto Alegre, 2009. 333 f. (Doutorado em Geografia) Programa de Pós-graduação em Geografia. UFRGS, Porto Alegre – RS, 2009.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia das Redes. In: SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: EDUSP, 2006. p. 176 – 189.

SILVA, Mauro Cristiano de Paula. **O Trabalho dos Catadores de Materiais Recicláveis de Uberaba – MG e a Relação com os Dois Circuitos Econômicos da Reciclagem**. Revista Pegada, v. 18, n. 03, 2017. p. 202 – 233.

ANEXO - Conexões (Comunicações)

	Maior Intensidade de Comunicação Intensidade Média de Comunicação	Menor Intensidade de Comunicação Comunicação Fluida (Não Permanente)
Catadores (Cooperados)	Cooperativas Movimentos Sociais (MNCR) e ONG's	
Catadores de Rua	Atravessadores/Comércios Cooperativas e Movimentos Sociais (MNCR)	
Cooperativas	Atravessadores/Comércios, Movimentos Sociais (MNCR) e ONG's Catadores (Cooperados), Redes de Cooperativas, Estado Catadores de Rua, Indústria de Reciclagem Atravessadores/Comércios	
Redes de Cooperativas	Indústria de Reciclagem, Movimentos Sociais (MNCR) Cooperativas, ONG's Atravessadores/Comércios	
Atravessadores Comércios	Catadores de Rua, Indústria de Reciclagem Estado Redes de Cooperativas e Cooperativas	
Estado	Indústria de Reciclagem, ONG's, Movimentos Sociais (MNCR) Cooperativas Atravessadores/Comércios	
ONG's	Cooperativas, Estado e Movimentos Sociais (MNCR) Redes de Cooperativas Catadores (Cooperados)	
Movimentos Sociais (MNCR)	ONGs, Cooperativas, Redes de Cooperativas, Estado e Indústria de Reciclagem Catadores (Cooperados), Catadores de Rua	
Indústria de Reciclagem	Estado, Redes de Cooperativas, Atravessadores/Comércios e Movimentos Sociais (MNCR) Cooperativas	